

Lava Jato. Chamado de ‘Clube Vip’, grupo de 5 empresas busca alterar tratos de leniência de R\$ 8 bilhões

Empreiteiras tentam rever os acordos

Companhias alegam dívidas bilionárias e querem revisão dos valores ou dos prazos

BRASÍLIA. No auge da Lava Jato, acordos de leniência eram tratados nas empreiteiras alvo da operação como o único caminho para a sobrevivência. Agora, a expressão usada nas empresas para se referir aos contratos é outra: “bomba-relógio”. Sob argumento de que estão em sérias dificuldades financeiras, empreiteiras que concordaram em pagar bilhões ao erário pelos desvios confessados tentam repactuar os débitos – seja em relação ao valor ou às condições de pagamento.

Conforme o “Estadão” apurou, Novonor (antiga Odebrecht), Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa e UTC estão neste grupo. Segundo delatores da Lava Jato, ao lado da OAS, esse grupo de empreiteiras formava uma espécie de “clube

VIP”, que se associava para fraudar licitações e superfaturar contratos. As cinco concordaram em celebrar acordos de leniência bilionários com as autoridades públicas. Os acordos de natureza administrativa são uma espécie de delação premiada das pessoas jurídicas.

“O que posso assegurar, como um observador privilegiado, seja pela condição de advogado ou docente, é que existe mais do que interesse, existe uma necessidade vital das empresas. Se não houver essa redefinição de valores, estaremos assegurando o fim do instituto do acordo de leniência”, afirmou o advogado Sebastião Tojal, que foi responsável pelo acordo da Andrade Gutierrez e da UTC. Ele não quis comentar casos concretos.

As cinco leniências firmadas com a União somam R\$ 8 bilhões, dos quais cerca de R\$ 1 bilhão foi pago até hoje, segundo informações disponíveis no site da Controladoria-Geral da União (CGU).



‘Clube Vip’. A Odebrecht (hoje Novonor) é uma das cinco empreiteiras que buscam uma repactuação

Durante as apurações, os investigadores apostaram no estabelecimento de um valor alto, mas com pagamento prolongado. Em julho de 2018, a Odebrecht concordou em pagar R\$ 2,72 bilhões pelos desvios confessados pela empresa e seus executivos. O montante foi parcelado em 22 prestações anuais. O modelo se repete com as demais empreiteiras,

podendo chegar a 28 anos, no caso da OAS.

ARGUMENTOS. As empresas listam argumentos para defender a revisão dos acordos. Entre eles, a dificuldade em voltar a contratar com o poder público, somada à crise econômica agravada pela pandemia, que faz com que elas não tenham o fluxo de caixa imaginado quando fe-

Caminhos

Negociações. Algumas empresas buscam mudar a forma de pagamento e esticar prazos. Outras tentam diminuir o valor acordado, um caminho considerado mais difícil, conforme a maior parte dos advogados ouvidos.

charam os acordos. Ponderam ainda que o fim das grandes obras públicas e a recessão econômica no País derrubaram o investimento público e privado em infraestrutura desde 2014, quando chegou a R\$ 188,5 bilhões. Em 2020, o valor foi de R\$ 124,8 bilhões, de acordo com a Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib). A história das empreiteiras nos últimos oito anos acumula casos de venda de ativos, recuperação judicial, demissões e dívidas bilionárias – incluindo as derivadas das multas e indenizações estabelecidas na Lava Jato.

CORRENTE. Conforme advogados, o debate sobre a repactuação dos acordos ganhou força nos escritórios que negociam em nome das empresas conforme as condições econômicas de cada uma delas se deterioraram e o risco da inadimplência aumenta.



TELEVISÃO DESLIGADA NO SEU COMÉRCIO?



VOCÊ ESTÁ PERDENDO DINHEIRO!



@a3tv.br
31.98887-3271

Editorial

DE OLHO NO DIESEL

Enquanto o Congresso discute o teto do ICMS para combustíveis, a sensação no mercado é que os efeitos da medida seriam rapidamente anulados pelo aumento do preço do barril de petróleo e do dólar. Há a expectativa de que a gasolina e o diesel sejam reajustados pela Petrobras nos próximos dias, já que os produtos acumulam defasagem de 16% em relação ao mercado externo. Com isso, a tendência é que os combustíveis continuem alimentando a inflação, e a possibilidade de paralisação de caminhoneiros entra no radar, estressando ainda mais o cenário socioeconômico.

O governo prevê que o projeto pode causar redução de R\$ 2 no litro da gasolina e de R\$ 1 no litro do diesel. Mas entidades como a Associação Brasileira de Condutores de Veículos Automotores (Abrava) não veem o teto do ICMS com tanto otimismo e projetam até uma paralisação da categoria. A associação acredita que os impactos da medida serão temporários, diante de iminentes reajustes dos combustíveis. A Petrobras não reajusta o diesel nas refinarias há 32 dias, enquanto a gasolina já está há 95 dias sem aumento.

O encarecimento do diesel é especialmente preocupante, pois impacta fortemente setores como o transporte urbano e a cadeia de produção agrícola, afetando os mais pobres.

A Petrobras vem alertando sobre o risco de desabastecimento do diesel no país no segundo semestre. Na semana passada, a companhia defendeu o alinhamento do preço do produto no Brasil com o do exterior, para garantir a oferta interna do combustível.

Fica claro que as tentativas paliativas de controle do preço dos combustíveis não surtem efeitos positivos e historicamente penalizam a sociedade. Deve haver espaço para discussões mais amplas, como a política de preços da Petrobras.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Mediolì
PRESIDENTE	Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE	Marina Mediolì
DIRETOR EXECUTIVO	Heron Guimarães
GERENTE DE ASSINATURA	Renata Nunes
GERENTE INDUSTRIAL	Cândido Henrique Silva
GERENTE COMERCIAL	Juvercy Júnior
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Flaviane Paixão
ADMINISTRATIVO	Edvaldo Camilo
EDITORES EXECUTIVOS	Renata Nunes
EDITORES	Cândido Henrique Silva
PRIMEIRA	Juvercy Júnior
POLÍTICA	Flaviane Paixão
OPINIÃO	Renata Nunes
ECONOMIA/BRASIL/MUNDO	Cândido Henrique Silva
CIDADES	Juvercy Júnior
SUPER.FC	Flaviane Paixão
MAGAZINE/INTERESSA	Renata Nunes
FOTOGRAFIA	Cândido Henrique Silva

O.PINIÃO

POR QUE AGORA VOCÊ TEM CERTEZA DE QUE A ECONOMIA MUNDIAL VAI MELHORAR?

PORQUE O PAULO GUEDES DISSE QUE VAI PIORAR!!!

Duke

www.dukechargista.com.br

Eduardo Fischer

CEO da MRV

O futuro da habitação precisa de sintonia

Descomplicar, desembolar, desenvolver

O déficit habitacional existe em todo o mundo. Fatores históricos, crescimento desordenado das cidades, mudanças comportamentais, conjuntura econômica e política contribuem para que tenha mais gente querendo morar do que habitação ao alcance dessas pessoas. E a expressão “sonho da casa própria” tem um sentido profundo que não pode se perder: “casa” é muito mais do que terreno e paredes; é apenas a dimensão mais palpável de algo maior – a ideia de lar.

Eu acredito que os sonhos das pessoas devem sempre ser levados muito a sério. É por isso que o acesso à habitação é uma questão tão importante. Vivemos um momento desafiador – preços subindo, aumento no custo para construir, condições econômicas da população menos favoráveis. O acesso à moradia fica mais difícil.

Isso não é “exclusividade” brasileira, claro. Mas é interessante observar como em outros países encontram-se soluções inteligentes para superar os obstáculos, como a aplicação de técnicas de construção rápida na Suécia ou a estratégia de dispersão da habitação social na França. Ainda que os exemplos bem-sucedidos aconteçam em outros contextos específicos, os aprendizados são muitos.

Sabemos que produtividade é um

fator-chave no custo das habitações acessíveis, que os mecanismos de acesso precisam estar conectados às reais condições e necessidades da população e que a legislação relacionada à construção dessas moradias precisa jogar a favor. Então o que falta para fazer acontecer? A reflexão é urgente: entendo que o

dem é “sintonia”. Sei que é uma visão ambiciosa, mas possível – e a chave para ela passa por um pacto social em torno da habitação, muito mais abrangente do que é hoje. Entendo que isso toma forma a partir de movimentos coordenados dos diversos agentes envolvidos – com pensamento sistêmico dos aspectos regulatórios; com maior nivelamento da legislação nos níveis federal, estadual e municipal; com a aderência de instituições e organizações; com o diálogo constante, contemplando tanto a ponta da oferta de produtos como a da demanda e encurtando também a distância entre elas.

Não é difícil concordar que, para quem sonha com sua casa, é melhor ter um produto de qualidade, dentro da legislação, viável financeiramente, do que qualquer solução instável ou irregular. As dificuldades e demoras fazem com que, em última instância, as famílias percam a chance de ter seu lar de forma estruturada. Para evitar que isso aconteça, governos, empresas e sociedade têm que estar preparados e comprometidos com a resposta a essa demanda. E todos têm a ganhar com uma evolução positiva desse cenário.

Descomplicar, desembolar, desenvolver, para aprimorar a execução e multiplicar o acesso. São muitas as ideias, e, quanto mais gente pensar nisso, mais perto da realização do sonho chegaremos. Vamos conversar?

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



Tenha acesso as principais
revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!